

OS ARQUIVOS PESSOAIS NA ERA VIRTUAL

Ricardo Neumann ¹

Resumo: Para o estudo da história das bandas, dos participantes, dos shows e dos espaços que compunham a Cena Alternativa Norte-Nordeste Catarinense, pesquisei em meu doutorado fontes como: jornais, cartazes, gravações, fitas demo (fitas K7 com as produções das bandas), capas de fitas demo, CDs, vinis, letras de músicas, fotos, vídeos, fanzines (jornais alternativos) e cartazes de shows. Estas produções diretamente ligadas ao tema estão atualmente disponíveis na internet, mas pertencem a arquivos pessoais, e ajudaram a compreender questões da estética da cena, da sonoridade, da produção artística, do funcionamento e da performance das bandas da cena. Atualmente os “coleccionadores” são responsáveis pela difusão de um infinito número de materiais relacionados à música. Impulsionados pelas facilidades das tecnologias como o acesso mais rápido a internet, os mesmos são responsáveis pelo armazenamento e difusão de muito material relacionado à música. José Vinci de Moraes (2011, p. 24) afirma que “alguns deles assumiram nítida opção e vocação para a pesquisa histórica e formaram rigorosos acervos”. Materiais como fitas demo, cartazes de shows e vídeos das bandas estudadas em minha pesquisa de doutorado sobre a Cena Alternativa Norte-Nordeste Catarinense, se encontram hoje digitalizadas e disponíveis a todos na internet. Além de estes arquivos juntarem materiais de diferentes origens, e que só estão compilados lado a lado graças ao trabalho individual dos administradores e colaboradores dos blogs, eles também garantem que os audiovisuais sejam preservados, já que fitas cassetes e VHS são suportes de fácil deterioração. Segundo Vinci (2011), no século XXI, os acervos digitais são um importante repositório de fontes, principalmente as audiovisuais. Segundo o autor (VINCI, 2011, p. 23), “as relações e as práticas culturais informais continuaram a se multiplicar na sociedade brasileira”. Neste sentido, observo os arquivos pessoais através das ações dos “coleccionadores digitais”.

Palavras-chave: Arquivos. Era Virtual. Cena Alternativa. Norte-Nordeste.

OS ARQUIVOS PESSOAIS NA ERA VIRTUAL:

Em minha tese de doutorado estudei a história da Cena Alternativa Norte-Nordeste Catarinense entre 1990-2010. Em cidades como Joinville, Guaramirim, Jaraguá do Sul e Schroeder, jovens criaram diversas bandas autorais independentes, sem apoio de gravadoras, inspirados no estilo *punk* e alternativo. Estes músicos e participantes da cena alternativa norte-

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, Professor do curso de Relações Internacionais na Universidade do Sul de Santa Catarina, Unisul. Email: ricardoneumann@hotmail.com.

nordeste catarinense se uniram em torno da música alternativa e criaram o que podemos chamar de uma cena². Através do gosto em comum por um estilo musical os mesmos passaram a se organizar de maneira independente, as margens do mercado musical, produzindo suas gravações e shows, e movimentando as cidades da região norte-nordeste catarinense. Seu esforço em torno da música alternativa fez com que os mesmos ocupassem muitos espaços das cidades da região norte-nordeste de Santa Catarina.

Para o estudo da história das bandas, dos participantes, dos shows e dos espaços que compunham a cena, pesquisei fontes como: jornais, cartazes, gravações, fitas demo (fitas K7 com as produções das bandas), capas de fitas demo, CDs, vinis, letras de músicas, fotos, vídeos, fanzines (jornais alternativos) e cartazes de shows. Estas produções diretamente ligadas ao tema estão atualmente disponíveis na internet, mas pertencem a arquivos pessoais, e ajudaram a compreender questões da estética da cena, da sonoridade, da produção artística, do funcionamento e da performance das bandas da cena.

Os arquivos pessoais estudados, como a maioria dos arquivos pessoais, têm suas especificidades. As razões para o arquivamento, os materiais arquivados, o modo como são arquivados, o fato do arquivo ainda estar sendo montado, enfim, tudo se distancia da visão do que seria um arquivo para a tradição da ciência arquivística. Como coloca Luciana Heymann (2009, p. 6), as diferenças entre os arquivos pessoais e os outros arquivos, “dizem respeito à tipologia de documentos que abarcam, à informalidade que caracteriza o arquivamento e às razões para a acumulação, distantes muitas vezes da motivação probatória”.

Para Letícia Nedel (2014), cada arquivo pessoal tem uma fisionomia particular. Segundo Nedel, os mesmos estão sujeitos “as idiossincrasias dos produtores com suas diferentes motivações e estratégias de acumulação”, para a autora, eles “resistem a categorizações pontuadas por um princípio funcional de classificação”. Em minha tese observei os arquivos pessoais seguindo Nedel e Heymann. Neste sentido busquei observar os arquivos pessoais como conjuntos complexos, que contém documentos que são muito mais que um mero reflexo das atividades de seus titulares, que permanecem no que Heymann

² Para entender este movimento vou ao encontro do conceito de cena de Will Straw. Segundo o autor Straw (2004), as cenas podem ser classificadas de acordo com o local onde a mesmas acontecem e o gênero cultural que lhes dá sentido, como um estilo musical ou literário. Conforme aponta Cunha (2014, p. 136), são exemplos de cenas, “a cena *funk* carioca, a cena *grunge* de Seattle, a cena reggae de São Luís/MA, dentre outras”. A cena por mim estudada é a cena da música alternativa, que aconteceu na região norte-nordeste de Santa Catarina, no período entre 1990 e 2010.

chama de “zona indeterminada”. Assim, para além do caráter probatório do princípio funcional da arquivística, observarei em minha tese a intencionalidade, o trabalho de memória, de auto-reflexão e de auto-adestramento existentes nos arquivos pessoais. Portanto, analisei os arquivos pessoais disponíveis como construções particulares, sem um sentido pré-estabelecido como os arquivos tradicionais, mas como portadores de materiais sobre a cena que investigados criticamente ajudaram a entendê-la.

O estudo destes arquivos pessoais de músicas e audiovisuais, bem como outros materiais da cena musical alternativa norte-nordeste catarinense, foi feito por meio dos blogs: Joinroll- Memória do *rock* de Joinville e região, Demo Tapes Brasil, Histórico-Curupira, Demos pra *download*, Toda música que nos consome, Vintage Joinville, Enciclopédia de Bandas Independentes, entre outros. Segundo José Vinci de Moraes (2011), no século XXI, os acervos digitais são um importante repositório de fontes, principalmente as audiovisuais. Vinci vê na ação de colecionadores digitais uma importante fonte de armazenamento de dados audiovisuais. Segundo o autor (VINCI, 2011, p. 23), “as relações e as práticas culturais informais continuaram a se multiplicar na sociedade brasileira”. Neste sentido, vamos observar as fontes através das ações dos “coleccionadores digitais”.

Atualmente os “coleccionadores” são responsáveis pela difusão de um infinito número de materiais relacionados à música. Impulsionados pelas facilidades das tecnologias como o acesso mais rápido a internet, os mesmos são responsáveis pelo armazenamento e difusão de muito material relacionado à música. Vinci (2011, p. 24) afirma que “alguns deles assumiram nítida opção e vocação para a pesquisa histórica e formaram rigorosos acervos”. Materiais como fitas demo, cartazes de shows e vídeos das bandas estudadas em minha pesquisa, se encontram hoje digitalizadas e disponíveis a todos na internet. Além de estes arquivos juntarem materiais de diferentes origens, e que só estão compilados lado a lado graças ao trabalho individual dos administradores e colaboradores dos blogs, eles também garantem que os audiovisuais sejam preservados, já que fitas cassetes e VHS são suportes de fácil deterioração.

Se por um lado a internet reduziu drasticamente as vendas dos mercados em geral e do mercado alternativo, por outro lado a internet e as novas tecnologias digitais beneficiaram as cenas alternativas de outras formas. Uma tornando possível se fazer gravações caseiras de alta qualidade, já que hoje muitos programas de computadores são praticamente um estúdio

caseiro. Como aponta Holly Kruse (2010), a internet significou a descentralização da produção musical, já que podemos encontrar praticamente os mesmos recursos em qualquer lugar do mundo, o que gerou facilidades nas gravações. E outra é que a internet também criou facilidades na divulgação e distribuição dos materiais independentes através de sites especializados e blogs, que deixaram muito mais fácil a comunicação entre fãs de rock alternativo de todo o mundo, ultrapassando as fronteiras locais.

Na década de 1990 era muito mais complicado de se conhecer uma banda nova de outra cidade do que qualquer jovem que nasceu conectado possa imaginar. Como colocou Rodrigo Brum (2014), ex-vocalista da banda Butt Spencer, de Joinville, eram tempos de no máximo internet discada, onde o que existia era um “marketing de guerrilha”. Muito diferente do modo como se pode ter acesso a informação hoje em dia, quando em um *click* podemos buscar bandas de todo o mundo, através de redes sociais, sites e blogs especializados.

No final dos anos 1980, início dos anos 1990, havia certa dificuldade para se conhecer um som novo, uma banda nova. Mas, como podemos observar em Andy Bennet e Richard Peterson (2004) hoje a música é algo global. Para Kruse (2010), analisando o papel da internet na divulgação das cenas independentes e alternativas, atualmente, o autor vê que os meios virtuais auxiliam a disseminação das bandas independentes. Dessa forma, a internet facilitou e muito o contato entre fãs e bandas ao redor do mundo. Segundo Bennet e Peterson (2004), a internet impulsionou a comunicação e a distribuição entre bandas independentes e fãs, democratizando o fazer música para os autores. Atualmente vemos redes de relações virtuais trabalhando em busca da divulgação das cenas independentes. As comunidades virtuais aumentam o número de informações sobre a cultura alternativa e possibilitam a comunicação entre locais distantes geograficamente (BENNET; PETERSON, 2004).

Atualmente com as rádios virtuais, blogs e sites especializados em musica alternativa temos, como vimos, a disseminação sem fronteiras das redes de relação pessoal. Pessoas ao redor do mundo todo, que produzem ou são fãs de música alternativa podem manter contato, conhecer novos materiais ou produzi-los com uma facilidade jamais vista. Porém, para Kruse (2010), a internet estaria abrindo possibilidades nos espaços virtuais, mas fechando muitos espaços reais, tradicionais das cenas, nas cidades. Neste sentido, estariam se perdendo algumas das características mais importantes das cenas alternativas e da ideia de cena, que

seriam as relações com espírito comunitário das cenas alternativas e a movimentação e ocupação de espaços na cidade, motivada pelo gosto comum em relação a um objeto cultural.

As redes de relações estariam desocupando os espaços físicos e se transferindo para os espaços virtuais. Segundo Will Straw, em entrevista a Janotti Junior (2012, p. 7), a internet estaria interferindo na constituição de cenas:

Em sentido muito banal, o declínio das lojas de música, revistas de música e outras “instituições” de música mudou, obviamente, o significado de dedicar-se à música e adquirir, de forma cotidiana, música ou informação a seu respeito. Ao mesmo tempo, acredito que o ascenso de uma cultura audiovisual baseada na internet tornou a música menos importante na vida das pessoas, e que esta tendência pode ser de longo prazo, com importantes consequências para a noção de cena musical. Se uma cena musical é a vida-mundo em que as pessoas, em momentos importantes de suas vidas, passam boa parte do tempo, então podemos ver as cenas recuando em termos de sua importância cultural e sociológica. (Meus estudantes de pós-graduação que, uma década atrás, estavam intensamente envolvidos com música, hoje estão igualmente dedicados a séries de televisão e à cultura dos restaurantes!) Quando as cenas se baseavam na noção de escassez musical – na dificuldade de encontrar música do tipo que você gostava, ou pessoas com gosto semelhante – as cenas tornaram-se importantes refúgios e recursos para as pessoas. Agora que não é mais assim, acho que a especificidade das cenas musicais será perdida. Ao mesmo tempo, aumentou a importância de uma forma voltada para a cultura/boêmia de viver nas cidades, e as cenas musicais sobreviverão como subconjuntos desses estilos de vida.

Hoje muitas pessoas vivem em um mundo virtual, conectado, de rápida comunicação, grande quantidade de informação e com um número cada vez maior de pessoas conectadas através da internet, com outras noções de tempo e sensibilidades. Nos últimos anos a internet revolucionou a maneira de circulação e divulgação da informação, acelerando a velocidade da comunicação. Atualmente a internet é uma forma importante de interação social. Hoje, segundo os autores Andy Bennett e Richard Peterson (2004), ao invés de relações sociais face a face, podemos observar o deslocamento de muitas cenas dos espaços urbanos para os espaços virtuais. Neste mundo conectado, onde cada vez vemos as cenas alternativas ocupando menos os espaços reais das cidades, pode-se observar que as redes de relações virtuais ganharam um papel altamente importante na disseminação ou manutenção das cenas independentes. Neste sentido, o deslocamento das cenas existentes ou a preservação da memória de cenas que não existem mais, para espaços virtuais, formariam o que os autores chamam de cenas virtuais.

Os grupos virtuais não são exclusivos do universo alternativo, como podemos observar em David Muggleton (2003), tais grupos são reflexos de novas práticas sociais, novas formas de interagir. Estas novas formas de interação tem características altamente particulares. Uma delas é que os novos espaços virtuais garantem o anonimato das pessoas. Diferente das relações face a face, nas relações mediadas por computadores as pessoas não necessariamente conhecem pessoalmente as outras pessoas com quem estão interagindo. São espaços abertos, os quais segundo Muggleton (2003), pode-se observar desde ativistas contra a globalização até grupos neonazistas, e por que não, pessoas que participam destes dois grupos ao mesmo tempo. Neste sentido, vemos que o anonimato permite com que as pessoas mostrem seus lados ocultos, na maioria das vezes em relações altamente superficiais. As novas tecnologias criam jogos e espaços onde as pessoas podem ser o que elas quiserem. Nestes espaços abertos as pessoas criam as suas identidades virtuais, seus “avatares”, e deixam de viver plenamente os espaços reais, já que nestes espaços virtuais podem ser o que bem entenderem, sem grandes cobranças, compromissos ou responsabilidades.

Assim, o viver a música estaria deixando de ser uma identificação visível, onde o estilo, os gestos, as roupas, os brincos, as tatuagens, as drogas, o sexo, a raça ou a idade moldavam as relações. Diferente das complexas relações face a face, as relações virtuais são muito mais simples e heterogêneas, sem as mesmas restrições de idade ou sexo, por exemplo. Certamente, de acordo com Bennett e Peterson (2004), dentro das cenas virtuais existem diferentes graus de capital simbólico, *insiders* e *outsiders*, mas sem dúvidas o anonimato faz com que o viver a música tenha uma conotação mais fluída. As cenas virtuais não exigem de seus participantes o mesmo nível de esforço e dedicação que as cenas reais. Diferentemente das cenas locais que nascem e crescem em torno de um objeto cultural específico e vão construindo as suas identificações ao longo do tempo, as cenas virtuais podem aparecer de um dia para o outro e fazer com que as pessoas sigam novos grupos, como abelhas seguem suas novas rainhas, durando muitas vezes apenas enquanto atraírem o interesse das pessoas, podendo ser extremamente efêmeras.

Um depoimento que nos dá uma noção da situação da cena hoje é o do jornalista e ex-vocalista da banda Os Carademarte e trompetista da banda FEVEREIRO DA SILVA, Hélio de Souza (2012), que em seu trabalho sobre a cobertura jornalística, fala sobre a situação da cena alternativa norte-nordeste catarinense em 2012. Segundo o mesmo autor, as bandas não

estariam mais atuando nos espaços da cidade, para Souza, as bandas “sumiram”. No decorrer dos anos 2000 a cena alternativa norte-nordeste catarinense foi perdendo cada vez mais o seu espaço na região, com a diminuição de locais, eventos e bandas. Podemos ver que a cena que um dia movimentou espaços, jornais, empreendimentos de pequena escala, atualmente sobrevive mais em espaços virtuais, as chamadas cenas virtuais, do que em espaços da cidade. Muitas bandas pararam, inúmeros lugares fecharam e grande parte do que restou da cena alternativa norte-nordeste catarinense está hoje dentro de espaços virtuais, onde as pessoas se comunicam, trocam informações, criam, mas sem o contato face a face.

Estes espaços virtuais podem ser sites de bandas da cena ou blogs que são feitos por antigos participantes e que buscam divulgar a sonoridade alternativa e manter a memória a respeito dela. A cena alternativa norte-nordeste catarinense hoje, ao contrário do antigo modo de organização *do it yourself*, que ocupava os espaços das cidades, hoje usa os espaços virtuais para divulgação, distribuição, produção, arrecadação de fundos, entre outras coisas, mas também como forma de manter a memória da maioria das bandas, que já não existem mais.

Para Bennet e Peterson (2004), além da mudança na constituição das novas cenas, os espaços virtuais muitas vezes servem como espaços de memória para cenas que já não existem mais. Como afirmam os autores, nas cenas virtuais o número de jovens e pessoas mais velhas tende a igualdade (BENNET; PETERSON, 2004). Apesar de estarem afastados dos espaços reais pelo trabalho do dia a dia ou por terem constituído família, muitos antigos participantes de cenas ainda podem continuar dedicando algumas horas no mundo virtual as cenas alternativas. Nestes espaços virtuais temos informações, principalmente, sobre o passado da cena alternativa, gravações, comentários, cartazes dos shows, entrevistas e fotos.

Como Edson de Souza (2014), ex-vocalista da banda The Power of the Bira, explanou, após o fim de sua loja Abrigo Nuclear, em Jaraguá do Sul, a música voltou a ser um hobby. Porém este hobby começou a dar frutos há mais ou menos cinco anos, época em que nasceu seu filho Daniel. Segundo Edson, após o nascimento de Daniel, as noites de sexta e sábado passaram a ser curtidas em casa. Foi aí que ele iniciou um trabalho de digitalização das fitas K7 que continham as músicas das bandas alternativas e dos cartazes dos shows antigos. Seu primeiro blog foi o “Joinroll”, blog que contém bandas de Joinville, suas gravações digitalizadas e cartazes digitalizados de shows que participaram, um breve histórico de cada

banda, imagens das capas das demos e fotos das bandas. Além do Joinroll, ele mantém um blog de sua antiga banda The Power of the Bira, com todo o material produzido pela banda entre 1992 e 1996, um blog sobre sua atual banda Os Fritz da Puta, um blog sobre o Curupira Rock Club, onde ele organizava os shows, que contém os cartazes dos shows do local desde 1992 (primeiro show) até os mais recentes, dispostos por data de realização, o blog Histórico-Curupira, e um blog chamado Demo Tapes Brasil, no qual Edson já disponibilizou gravações digitalizadas de mais de 450 fitas demo de bandas de todo o Brasil. Existem ainda pelo menos mais 450 a serem digitalizadas. São demo tapes de bandas alternativas de cenas de inúmeras regiões do Brasil. Existem bandas de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, Goiás, do Amazonas, entre outros.

Figura 51 - Fitas demo do arquivo pessoal de Edson Luis de Souza



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2014).

Na década de 1990, os materiais que antes circulavam, as fitas que eram quase que o único registro deixado pelas bandas independentes, cartazes que avisavam ao público sobre os shows, foram guardados por Edson, para além do contato direto com os materiais, tem a vocação de acumular, e foram novamente disponibilizados mais de 20 anos depois ao público através do trabalho de Edson, que os transformou nos seus blogs.

Outros blogs de antigos participantes da cena alternativa são os blogs Toda música que nos consome, de José Carlos de Souza, ex-vocalista da banda Alpha Ásia Malária, e antigo

sócio proprietário da casa de shows Casa do Rock em Joinville, e que conta com vídeos das bandas da cena, entrevistas com os antigos participantes, quadrinhos e resenhas sobre livros e produções de bandas independentes. Longe da cena desde que havia fechado a Casa do Rock em 1999, José criou seu blog em 2011. Segundo Souza (2016), seu blog começou da ideia de fazer um documentário sobre a cena. Como ele não tinha tempo e técnica para editar as entrevistas que fazia, criou um blog e passou a postar as entrevistas que estava fazendo sobre a cena.

E o blog Demos Pra Download, da ex-guitarista das bandas Jelly Bean Brain, Christiani Porto Gonçalves, que conta com fitas demo de bandas alternativas de todo o Brasil, da década de 1990 em diante, que podem ser baixadas via internet para serem escutadas nos computadores, MP3, iPhones e outras novas tecnologias, que apesar da proximidade cronológica, são muito distantes da realidade dos jovens dos anos 1990. Segundo Gonçalves (2016), seu blog começou, pois tinha inúmeras fitas demo de bandas alternativas e percebeu que não havia nenhum material digital destas bandas na internet. Christiani aprendeu a usar os cabos para fazer a transformação das fitas K7 em arquivos digitais e passou a disponibilizar estes materiais para seus amigos, porém a procura foi tanta, os pedidos dos arquivos vieram de tantos lugares do Brasil, que Christiani montou seu blog.

Alguns outros espaços virtuais são a página de Facebook, Vintage Joinville, que trás postagens de shows antigos da cena alternativa norte-nordeste catarinense. O blog Enciclopédia de Bandas Independentes que é um espaço virtual com informações de bandas alternativas de todo o país entre 1990-2005. E o blog Orelhada, do jornalista Rubens Herbest, que começou em 2008, na mesma época em que passou a escrever sua coluna diária no jornal A Notícia, homônima ao blog, como um espaço para a arte, quadrinhos, livros e a música local.

Portanto, com o passar do tempo, percebemos que a cena alternativa deixou de ocupar de forma intensa os espaços da cidade e passou a ocupar espaços virtuais, perdendo a sua vivacidade como uma expressão da vida urbana em torno da música alternativa, transformando a natureza de sua prática em torno deste objeto cultural, criando espaços de memória no mundo virtual. Cenas podem ainda ser vistas como espaços de sociabilidade e criatividade que se articulam em torno de certos objetos culturais (como a música alternativa)

no transcurso da vida social destes objetos, mas certamente hoje muitas vezes mais em espaços virtuais do que reais.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Andy, PETERSON, Richard A. **Music Scenes: local, translocal and virtual.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2004.

HEYMANN, Luciana Quillet. O individuo fora do lugar. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, n.2, pp.40-57, jul-dez, 2009, p. 48.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Entrevista – Will Straw e a importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.** E-compós, Brasília, v.15, n.2, maio/ago. 2012.

KRUSE, Holly. **Local identity and independent music scenes, online and off.** *Popular Music and Society*, v. 33, n. 5, December 2010, pp. 625–639.

MUGGLETON, David; WEINZIER, Rupert. **The post-subcultures reader.** Bloomsbury Academic, 2003.

NEDEL, Letícia Borges. 'Da Sala de Jantar à Sala de Consultas: o arquivo pessoal de Getulio Vargas nos embates da história política recente'. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana. (Org.). **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa.** Rio de Janeiro: Editora FGV/FAPERJ, 2014, v. 1, p. 131-164, p.7.

STRAW, Will. Systems of articulation logics of change: communities and scenes in popular music. **Cultural Studies.** v. 3, n. 5, p. 368–388, 1991.

STRAW, Will. Scene and sensibilities. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, ago. 2006.

VINCI DE MORAES, José Geraldo. Música en conserva. In: Memoria e Historia de la música en Brasil. VINCI DE MORAES, José Geraldo, MACHADO, Cacá. en BRESCIANO, Juan. **La memoria histórica y sus configuraciones temáticas.** Una aproximación interdisciplinaria. Montevideo, Ediciones Cruz del Sur, 2011.

ENTREVISTAS

BRUM, Rodrigo. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Joinville, 24 de outubro de 2014.

GONÇALVES, Christiani Porto. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Joinville, 25 de outubro de 2016.

SOUZA, Edson Luis de. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Jaraguá do Sul, 28 de janeiro de 2014.

SOUZA Jr, Hélio João de. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Joinville, 25 de outubro de 2014.

SOUZA, José Carlos de. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Joinville, 30 de setembro de 2016.

ZIMATH, Rafael. Entrevista concedida à Ricardo Neumann. Joinville, 30 de janeiro de 2014.